



NOMEAR UMA PESSOA É UM ATO DE AMOR E CUIDADO: implicações pré e pró nomeação¹

NAMING A PERSON IS AN ACT OF LOVE AND CARE:
implications before and after the naming process

Bianca Eliana Kanitz

Resumo

Neste trabalho, analisou-se o significado e a importância da nomeação, de como as pessoas compreendem e se relacionam com seus nomes, e como escolhem os nomes de outras. Para isso, pesquisou-se: a história da nomeação, a legislação brasileira, o estudo da comunicação e as diversas formas de se escolher os nomes das pessoas; as dimensões psicológicas estudadas por Lacan, Wasse e Winnicott, na chamada fase do espelho; as questões bíblicas, ressaltando a história da criação, a nomeação no Israel bíblico e a promessa em Apocalipse. Concluiu-se que os nomes, dados e projetados por outras, estão ligados às imagens de cada pessoa. Ao apropriarem-se desses nomes, elas assumem sua identidade na sociedade. Mas, quando chegar o Reino definitivo de Deus, as pessoas receberão de Jesus novos nomes que as revestirão com sua identidade mais original, como imagem e semelhança divina.

Palavras-chave: Nomeação. Imagem. Identidade.

Abstract

In this paper we analyzed the meaning and importance of name giving, of how people understand and relate to their names and how they choose the names of others. For this, research was done into: the history of name giving, Brazilian legislation, the study of communication and the various forms of choosing the names of people; the psychological dimensions studied by Lacan, Wasse and Winnicott in the so called mirror phase; Biblical issues, highlighting the creation story, name giving in Biblical Israel and the promise in Revelation. The conclusion was that the names, given and projected by others, are tied to the images of each person. Upon taking ownership of these names people assume their identity in society. But, when the definitive Kingdom of God comes, the people will receive new names from Jesus which will clothe them in their most original identity, as divine image and likeness.

Keywords: Name giving. Image. Identity.

Considerações Iniciais

O ser humano é o único ser vivo com a capacidade de descrever e nomear tudo o que vê, ouve, sente ou imagina. Desde os tempos antigos, as pessoas davam nomes a outras pessoas, bichos, cidades ou lugares, escolhendo uma palavra que homenageasse outra pessoa, ou que lembrasse um fato ocorrido, uma situação.

¹ TCC de Teologia 2014/1. Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek.

Pessoa sem nome é pessoa sem identidade. O nome apresenta e representa a pessoa e, muitas vezes, define muitas de suas características. Há pessoas que gostam de seu nome e se sentem ligadas a ele; enquanto que outras não gostam do nome recebido, não sentindo afinidade com ele, desejando trocá-lo.

O estudo baseou-se principalmente nas dimensões psicológicas estudadas por Lacan, Winnicott e Wasse, na chamada fase do espelho, e nas publicações de Wénin, Balmary e Brenner.

Diversas questões na nomeação

Desde que o ser humano começou a viver em grupo, sentiu a necessidade de comunicar-se, usando gestos e sons para isso. Também desenvolveu a fala e usou imagens, fazendo desenhos nas paredes das cavernas, por exemplo. Com o passar do tempo, a comunicação foi ampliada até a forma que se conhece hoje, com toda a tecnologia disponível.

Para facilitar a comunicação, cada pessoa recebe um significante, um nome, que a identifica e diferencia em relação às outras. Quando se diz o nome próprio (significante) de alguém que se conhece (referente), logo se associa esse nome à imagem dessa pessoa (significado), identificando-a. Por exemplo, ao se falar de uma pessoa conhecida, chamada Carmen, logo se traz à mente a imagem dessa pessoa. Então, seu nome é o significante, sua pessoa/imagem é o referente e a ligação do nome Carmen com a sua imagem é o significado.

Como o nome próprio designa diretamente o significante, sendo a “marca” deste, a estrutura sonora do nome permanece de um idioma para outro. Ou seja, o nome próprio não é traduzido de uma língua para outra; no máximo, adaptado, mudando-se uma letra e outra. O psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) revela que essa é a característica fundamental do nome próprio². Por isso, o nome próprio é chamado de “significante puro” em relação aos outros significantes³, enraizando-se no referente, o sujeito que o detém.

² LACAN, 1961 apud DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: estrutura do sujeito*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. v. 2, p. 81.

³ DOR, 1995, v. 2, p. 82.

O Código Civil brasileiro (Lei de número 6.015 de 1973) declara que cada pessoa, logo após seu nascimento, deve ser identificada e registrada com prenome e sobrenome⁴. Até o século XVI, as pessoas somente eram identificadas por um nome. Mas, com o aumento da população, havia mais pessoas com os mesmos nomes em cada lugar, dificultando a identificação exata. Então, para identificar a família, estipularam o uso de um segundo nome, hereditário, que veio a ser o sobrenome⁵.

Entre as várias formas de escolher o nome de uma pessoa, a referência ou homenagem é a mais usada, lembrando familiares, celebridades ou personagens fictícios. Casos curiosos também existem, como a escolha de nomes com a mesma letra inicial para toda a prole; a substituição do nome, previamente escolhido, após visualizar a criança recém-nascida; e a substituição no nome desejado por outro, porque os escreventes negaram o registro de nome considerado “não brasileiro”.

Verificou-se que o Código Civil não proíbe nome estrangeiro (Parágrafo Único do Artigo 55 da Lei 6.015/1973), somente declara que o nome registrado não pode constranger ou expor a pessoa ao ridículo⁶. Caso contrário, o nome pode ser vetado pelo cartório. Depende unicamente da interpretação e do bom senso de cada escrevente.

A pessoa cresce ouvindo seu nome ser dito por outras. Esse nome que lhe foi dado por outras pessoas, ainda criança, irá acompanhá-la e identificá-la por toda a sua vida. Ele estará ligado a ela como se fosse parte de seu corpo, afetando diretamente sua psique. Por isso, as pessoas responsáveis devem ser muito cuidadosas ao escolher o nome dela. Afinal, elas estarão se responsabilizando por sua vida!

A chamada fase “estádio do espelho” de Lacan, a linguagem e o assumir simbólico da criança

Os estudos da Psicologia revelam que, nos primeiros seis meses de vida, a criança não distingue o seu corpo das responsáveis⁷. Lacan define essa fase como *fantasma do corpo esfacelado*. Para que aconteça a estruturação da identidade, do “Eu” da criança, com a visão

⁴ BRASIL: Constituição federal, código civil, código de processo civil. Organizado por Yussef Said Cahali. 5. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003, p. 264.

⁵ BELO, Ana. *Nomes próprios*. Lisboa: Arteplural, 1992. p. 7.

⁶ BRASIL, 2003, p. 1063.

⁷ DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Tradução de Carlos Eduardo Reis. 2 ed. rev. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 79.

de seu corpo unificado, ela deverá passar pela fase do “estádio do espelho”: ver-se e identificar-se com a sua imagem no espelho.

Da mesma forma, usa-se o espelho para ligar a palavra ao corpo, para identificar a criança com o seu nome. A criança é colocada frente ao espelho e é dito que aquela imagem é ela mesma e se chama “Carmen”, por exemplo. Ao ouvir a palavra e ver a si mesma, a criança faz a ligação. Ela reconhece que aquela palavra é seu significante, é seu nome. Ela não é uma coisa, ela é uma pessoa, pois seu corpo e seu nome lhe dão identidade.

Para compreender o pensamento de Lacan a respeito da constituição do sujeito, é preciso ter em mente que, para ele, o princípio de qualquer pessoa é a passividade, pois ela é “sujeito do discurso dos pais antes de ser do seu”⁸. Já na barriga da mãe, a criança é imaginada e planejada pelas responsáveis, que fazem planos para ela, falam por ela, definem um nome para ela.

Após o nascimento, a criança é vivida e falada segundo o desejo das pessoas responsáveis. Lacan cunhou a expressão “estádio do espelho” para significar que a criança toma o olhar da mãe como um espelho que diz quem a criança é. A imagem gerada no imaginário da mãe, transmitida por sua face, especialmente pelo seu olhar, proporciona à criança a primeira noção de corpo unificado. É a partir da identificação com essa imagem gerada no psiquismo materno que ela se descobre como ser inteiro, passando a ver seu corpo-coisa como um corpo biológico e a si como sujeito.

Nesse processo, pelo universo da linguagem, ela também passa a se identificar pelo nome recebido, diferenciando-se das coisas e dos seres.

A voz, ouvida e proferida, desaloja o homem do corpo biológico, que lhe é determinado como residência no espaço e no tempo, e faz com que habite a linguagem. A voz lhe dá um nome sob o qual a criança vai ser significada como sujeito entre outros, no discurso que nós lhe fazemos antes que ela o faça.⁹

A criança ouve a voz das responsáveis e identifica vários sons. Com o tempo, esses sons tomam sentido até revelarem-se em palavras. Pelo olhar das pessoas responsáveis, a criança percebe que uma dessas palavras se refere a ela. Na fase do espelho, ela descobre que essa palavra é o “seu nome”. Então, ela “assume simbolicamente” esse nome.

⁸ VASSE, Denis. *O Umbigo e a Voz: Psicanálise de duas crianças*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1977. p. 79.

⁹ VASSE, 1977, p. 16.

Nomeando o corpo que vê no espelho, com o nome que o Outro lhe dá, e que o move, em seu corpo fazendo com que abandone a sua própria imagem para contemplar aquele que o chama, estabelece-se uma paradoxal *equivalência* entre a representação visual que vem da criança e a representação verbal que vem do outro: acaba vendo no espelho João, Pedro ou Paulo, vendo aquilo que não vê, *vendo aquilo que ouve*.¹⁰

A criança olha sua imagem no espelho e ouve a palavra na voz de suas responsáveis – a soma dessas duas ações faz com que ela pare de ver somente um corpo com várias partes (barriga, braços, pernas, cabeça, olhos, boca, etc.) e passe a ver o nome que ouve. Assim, ela passa a ver-se Carmem ou Jonas, por exemplo, e a se relacionar com as pessoas, aceitando e assumindo o nome que lhe foi determinado.

O psicanalista francês lacaniano e padre jesuíta Denis Vasse (1933) faz uma relação entre a nomeação que dá origem ao sujeito e a citada em Gênesis. O ser humano surgiu pela Palavra do Criador e se apropriou da criação através da palavra, ao nomear seres e coisas¹¹. A palavra só ocorre entre pessoas distintas, sendo que ela nomeia a pessoa pela voz de outra. Pela palavra, a pessoa se nomeia e nomeia outras pessoas e coisas.

Assim, dizer que o homem é concebido à imagem de Deus não significa outra coisa senão isso: o homem não pode conceber-se segundo a sua própria concepção, segundo a sua própria imagem. Se ele fizer isso, morrerá, como Narciso. Conceber-se à imagem de Deus, é conceber-se à imagem de *nada* do que se vê. É conceber-se paradoxalmente à imagem de uma palavra, segundo a palavra que diz que é e quem é, que diz o ser.¹²

Então, essa relação da imagem do corpo com o nome recebido é inconsciente, simbólica: a criança absorve o nome que outra pessoa lhe dá e associa-o ao seu corpo, à imagem de seu ser. Como a criança não pode se nomear, pois ela não pode se dar o ser, ela assume essa imagem criada pela palavra da outra. Ao ser nomeada por outra pessoa, ela pode ser distinguida das coisas e pode nomeá-las. Ou seja, a criança é dependente de outra pessoa para ser diferenciada do mundo (forma passiva) e, somente então, poder se diferenciar (forma verbal refletida). O nome é e não é seu corpo, mas é pelo nome que a criança se liberta de sua identificação imaginária (pela mãe) e se “torna” real.

Chamar uma criança pelo nome que a designa, é introduzir na rede dos signos uma rutura: um nome próprio não designa *nada* entre as coisas representadas. Designar alguém é de-signar, lhe tirar seu caráter de signo: não remete a nenhuma outra

¹⁰ VASSE, 1977, p. 118.

¹¹ VASSE, 1977, p. 115.

¹² VASSE, 1977, p. 117.

coisa. Nomear alguém, chamá-lo sob um nome próprio, é o deslocar constantemente das identificações imaginárias em que se deixa prender.¹³

Na relação com outra pessoa, a palavra se torna verdade e a criança afirma a veracidade de sua existência e se torna sujeito¹⁴. Ao dizer “sou Carmem (ou Jonas)”, “sou eu”, a criança se reconhece como sujeito, como humana. Ao se reconhecer como humana, ela reconhece em si a imagem do divino (Eu Sou, Javé)¹⁵.

Portanto, no momento da passividade, a criança/pessoa reconhece seu corpo através da outra pessoa (mãe); e no momento da atividade e mobilidade, ela se desloca do imaginário da outra pessoa (mãe) e assume o nome próprio, dado a si mesmo. A criança/pessoa se reconhece e se assume como sujeito quando assume sua identidade e fala em seu próprio nome.

O nome e a imagem no “jogo de espelhos” de Winnicott

Nos primeiros anos de vida, ao relacionar-se com suas pessoas responsáveis, a palavra que a criança¹⁶ mais ouvirá será o seu nome. Segundo estudos de Donald Woods Winnicott¹⁷, tal relação entre responsáveis-criança-responsáveis pode ser entendida como um jogo de espelhos, em que responsáveis veem-se no novo ser (criança/bebê) e este se vê nas responsáveis: “as imagens refletidas nos rostos-espelhos uns dos outros operam algo nos sujeitos que se olham”¹⁸. Essa relação também ocorre através do nome escolhido/recebido, falado pelas responsáveis e ouvido pela criança.

Enquanto aguardam com expectativa sua chegada¹⁹, os/as responsáveis imaginam como será essa criança, projetam sonhos, fazem planos para ela, e pensam num nome que combine com essa imagem sonhada. Eles/elas refletem seu próprio ser na criança, como num espelho.

¹³ VASSE, 1977, p. 130.

¹⁴ VASSE, 1977, p. 130.

¹⁵ BALMARY, Marie. *O sacrifício proibido*: Freud e a Bíblia. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 223.

¹⁶ Pode ser bebê ou maior, em caso de adoção.

¹⁷ Donald Woods Winnicott foi um psicanalista inglês (1896-1971) que desenvolveu seus estudos com base nas relações familiares entre a criança e o ambiente.

¹⁸ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Jogo dos Espelhos: “O olho que se olha no olho que o olha”. In: NOÉ, Sidney Vilmar (Org.). *Espiritualidade e saúde*: da cura d’almas ao cuidado integral. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 135.

¹⁹ Por nascimento ou adoção.

A escolha do nome pelas responsáveis é inconsciente e consciente. Primeiro é inconsciente, porque somente alguns dentre inúmeros nomes são lembrados. Depois é consciente, porque se refletirá e definirá qual dos nomes “trazidos” pelo inconsciente combinará com a imagem sonhada da criança. Essa é a função do pensamento: dos nomes sugeridos inconscientemente, decidir qual nome melhor identificará a criança e que não a exporá ao ridículo.

Algumas pessoas responsáveis escolhem o nome logo após o nascimento da criança, outros, já antes do nascimento, e outros, até antes da concepção da criança. Quando veem esse ser real, elas podem reconhecê-lo, ou não, na criança imaginada.

[...] reconhecer no bebê a imagem que anteriormente fora *imaginada* é reconhecer a si mesmo. Trata-se aqui de um processo de identificação projetiva. Identifica-se exteriormente (no bebê) a imagem produzida internamente (idealizada) na psique paterna e materna a respeito do filho esperado.²⁰

Se a criança real projeta à imaginária e condiz com o nome escolhido, este permanecerá. Caso contrário, as pessoas responsáveis “desmancharão” as crianças imaginadas previamente e reconfigurarão em seus corações as crianças reais, nomeando-as com outro nome e recebendo-as com o mesmo amor antes imaginado.

Pelo outro lado do espelho, a criança vê a sua própria imagem nos olhos, na expressão facial e no som das vozes das pessoas responsáveis. Segundo Winnicott²¹, a criança compreende as reações das pessoas responsáveis como a imagem que estas têm dela. Se elas disserem seu nome com tristeza ou raiva, a criança vai interpretar essa imagem como uma ameaça, algo que lhe faz mal; e o som de seu nome transmitirá insegurança, medo de ser indesejada. Se disserem com alegria e amor, a criança interpretará a imagem como sinal de acolhimento, algo que lhe faz bem. O som de seu nome transmitirá a ela uma sensação de segurança.

O sentido da vida, o sentimento de uma vida digna de ser vivida, só pode nascer no viver criativo (criação saudável, integradora do *self*), no espaço potencial que permitimos e fazemos existir nos encontros, nos acontecimentos, nas imagens, nos espelhos, nessa “máquina de produção” da existência humana – que se fabrica no “jogo de espelhos”.²²

²⁰ ESPERANDIO, 2004, p. 135.

²¹ WINNICOTT, 1975 apud ESPERANDIO, 2004, p. 138.

²² ESPERANDIO, 2004, p. 149.

Conforme Ana Belo, “pela vida fora [sic], o mais íntimo do seu ser vibrará a esse chamamento²³ e isso representará a forma mais certa de chegar ao seu Eu mais profundo numa situação de desespero ou, ao contrário, numa troca afetiva”²⁴. Ao chamá-la pelo nome, seja num momento ruim ou num momento bom, ela atenderá: chamá-la pelo nome ajudará a resgatá-la de sua depressão; ou, chamá-la pelo nome, fará com que se sinta mais amada e corresponderá o sentimento. A criança “moldará” o nome ao seu ser, desenvolvendo confiança nele, em si mesma e também nas outras pessoas (responsáveis e outros entes-queridos).

Escolha do nome, um ato de amor e cuidado

As pessoas têm a necessidade de conhecer sua identidade também pelo nome. Afinal, o nome é um atributo imposto que afeta a psique da pessoa e se enraíza nela. Como uma osmose, ele “veste” e modela a pessoa²⁵. Ele faz parte dela e possui uma ligação direta com seu comportamento individual, com a sua personalidade. Por exemplo, existem Ângelos e Ângelas que realmente se tornam “anjos” de bondade e Vitórios e Vitórias que foram vitoriosos já no ato de nascer²⁶.

Segundo Belo, “o nome próprio é a roupa com que o indivíduo entra na sociedade, que tanto pode parecer pronto-a-vestir como alta costura”²⁷. Ele é capaz de elevar ou diminuir a autoestima da pessoa, podendo “abrir ou fechar portas durante sua caminhada”²⁸. Várias pessoas recebem seus nomes em referência ou homenagem a pessoas reais ou fictícias. Esse “nome que homenageia” pode trazer consequências positivas ou negativas à pessoa, traumatizando-a ou não. Por exemplo, situações em que, desde criança, a pessoa é comparada às características da homenageada, fazendo com que se sinta pressionada a corresponder; ou, em que, com o passar dos anos, a pessoa homenageada cometa faltas graves, afetando indireta e negativamente a outra, somente por ter nome igual.

²³ O chamado de seu nome.

²⁴ BELO, 1992, p. 8.

²⁵ BELO, 1992, p. 8.

²⁶ STRECK, Edson Edilio. Apresentação. In: SCHACHT, Ezequiel. *A.M.D. Motivação*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 7.

²⁷ BELO, 1992, p. 8.

²⁸ OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. p. 5.

É importante que, na escolha do nome, as pessoas da família façam juntas e chegam a um consenso. Assim, mantém-se a união e a harmonia da família. Mas, principalmente, para o bem da criança, elas devem escolher o nome com muita responsabilidade, reflexão, amor e cuidado.

Deve-se sempre pensar se a pessoa, devido ao seu nome, não será submetida a problemas por ele ocasionados, quer por ser eufonicamente desagradável, quer por ter significado extravagante ou excêntrico, quer por ser nome de alguma personagem que permita uma associação negativa [...].²⁹

Deve ser um nome bonito e alegre que todas gostem, e que, principalmente a criança também vá gostar e sentir orgulho. Para isso, alguns critérios podem ser observados, como: o significado etimológico do nome, sua origem; quem possui esse nome, se pode afetar positiva ou negativamente a criança; se há eufonia (som agradável) na pronúncia do nome; na escolha de nomes estrangeiros ou compostos, se a pronúncia lembra palavras constrangedoras ou de baixo calão – por exemplo: nome japonês Kumio (cumi o), nome composto Ava Gina (a vagina).

Belo aconselha que as pessoas responsáveis observem se o prenome escolhido também combina com o sobrenome, eufonicamente. Se entre os nomes há ritmo, se falados juntos, formam uma melodia³⁰.

O som tem uma repercussão, a palavra tem uma magia, muito além do seu simples significado. Pelas suas estética e musicalidade, pelo que apela à memória, cada nome tem um poder misterioso e evocador, poético e musical. Já diziam os latinos que os nomes se convertem em presságios e o seu som em magia.³¹

Portanto, escolher um nome para alguém é muito mais que uma simples decisão. É um ato de amor e cuidado, pois envolve comprometimento com o futuro dessa pessoa, com a sua formação psíquica, com a sua autoestima. Escolher um nome também é definir a estética de seu “cartão de apresentação”: de como ela será ouvida, vista, chamada, lembrada e falada pelas outras pessoas.

²⁹ OBATA, 1986, p. 5.

³⁰ BELO, 1992, p. 8.

³¹ BELO, 1992, p. 8.

A nomeação no Israel bíblico

Nos textos bíblicos, o ato de nomear envolve comprometimento das pessoas, tanto das que nomeiam como das que recebem; e cada nome definido possui um significado especial, diretamente relacionado com a história da pessoa.

As histórias contadas na Bíblia revelam a importância que as pessoas davam à escolha do nome de suas crianças. Elas acreditavam que o nome tinha ligação com a pessoa e, de algum modo, representava a sua natureza³². Por isso, escolhiam nomes significativos que traziam uma reflexão no nome, relacionado a:

- uma circunstância, como Pelegue, que em hebraico soa parecido com “dividir”³³; porque, quando nasceu, os povos estavam sendo divididos (Gn 10.25).

- uma referência ou homenagem a um antepassado, como Naor (irmão de Abrão), que recebera o nome igual ao do avô (Gn 11.24-26).

- um motivo de alegria, como Isaque, que quer dizer “ele ri”³⁴; porque Sara já era de idade avançada quando o gerou (Gn 21.6).

- a aparência, como Esaú, que vem da palavra Seir, que quer dizer “peludo”³⁵; porque ele era vermelho e peludo (Gn 25.25).

- uma esperança, como Levi, que em hebraico soa parecido com “unir”³⁶; porque sua mãe Lia tinha esperança que seu marido Jacó ficasse mais unido com ela (Gn 29.34).

- uma oração subentendida, como José, que soa parecido com “dar mais”³⁷, interpretado como “Dê-me o Senhor ainda outro filho”³⁸; porque Raquel, segunda esposa de Jacó, tinha dificuldades para engravidar e este fora o primeiro filho; mas ela desejava mais (Gn 30.22-24).

- um acontecimento na vida dos pais, como “Rápido-Despojo-Presa-Segura”, filho de Isaías que recebera esse nome por ordem de Deus, em menção à futura invasão de Judá pela Assíria (Is 8.3-4).

³² YOUNGBLOOD, Ronald; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. Tradução de Lucília Marques Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 1030.

³³ Comentário extraído da versão BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE: edição para jovens. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. p. 14.

³⁴ BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 25.

³⁵ BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 31.

³⁶ BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 38.

³⁷ BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 39.

³⁸ DOUGLAS, J. D.; SHEDD, Russel Philip. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 938.

- uma expressão de fé, como Daniel (“Deus é meu juiz”) e Eliseu (“Deus é salvação”). Esta era uma prática comum do povo, a de compor e dar nomes que fossem uma confissão de fé³⁹.

Segundo Athalya Brenner, pela tradição era a mãe que dava nome à criança, como Lia e Raquel⁴⁰. Mas, ocorria também do pai nomear as crianças, como Abraão que nomeou seus dois filhos, Ismael e Isaque (Gn 16.15 e 21.3). Já Jacó trocou o nome, que Raquel dera ao segundo filho antes de falecer, de Benoni para Benjamim (Gn 35.18).

Raquel teve um parto difícil, em que sofrera muito. Ela, sentindo que morreria, demonstrou seu sofrimento e sua tristeza nomeando o filho de Benoni, que significa “filho da minha dor (ou tristeza)”. Provavelmente, Jacó não quis manter essa lembrança no nome do filho e trocou para Benjamim, que significa “filho do meu braço direito”⁴¹, ou também “filho do Sul, filho que terá sucesso”⁴². Ao analisar o significado duplo do nome Benjamim, apresentam-se algumas interpretações:

- a) Jacó não culpou o bebê pelo sofrimento da esposa no parto e sua conseqüente morte. Ele viu no filho um último belo presente que sua amada esposa lhe deixara. Por isso, não poderia deixar que um nome de significado negativo, ligado à mãe morta, tornasse uma barreira para o desenvolvimento de seu filho. Assim, Jacó deu um nome que influenciasse o filho a avançar na vida, ter sucesso.
- b) Jacó assumiu as funções de pai e mãe⁴³, cuidando de Benjamim. Como uma mãe, ele carregou o filho no braço (direito). Ele desejou que o filho, nascido no Sul, tivesse um futuro de sucesso. Porém, o pai não desejou separar-se do filho. Jacó desejou que Benjamim tivesse sucesso vivendo ao seu lado, como seu ajudante, seu braço direito.

Portanto, por acreditar que o nome influenciaria a vida de seu filho Benoni, Jacó o renomeou Benjamim. Esse e os demais exemplos são evidências que o povo de Israel observava e valorizava a ligação do nome à criança/pessoa.

³⁹ STRECK, in: SCHACHT, 2012, p. 7.

⁴⁰ BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. Tradução de Sylvia Márcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 151.

⁴¹ WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Caminhos da graça: identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa (MG): Ultimato, 2006. p. 87.

⁴² BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 47.

⁴³ WONDRACEK, 2006, p. 87.

A mudança de nomes como um ponto de transição

Na Bíblia também aparecem relatos de mudança ou troca de nome que ocorrem por razão de um acontecimento importante na vida daquela pessoa, já na fase adulta. Segundo Marie Balmory, “Nenhuma troca de nome, na vida, está desprovida de significação”⁴⁴. Abrão (“antepassado famoso”) teve o nome mudado para Abraão (“pai de muita gente”), quando Deus o chamou para ser pai de muitas nações (Gn 17.4)⁴⁵. Jacó (“calcanhar”⁴⁶) teve o nome mudado para Israel (“ele luta com Deus” ou “Deus luta”⁴⁷), por ter lutado com um representante de Deus⁴⁸.

Simão recebeu o acréscimo do nome Pedro (“pedra, rocha”), por ter sido o primeiro a confessar a divindade de Jesus. Jesus disse que Simão Pedro “era a ‘rocha’ sobre a qual a nova comunidade da igreja seria construída”⁴⁹ (Mt 16.18). Saulo (ou Saul, em hebraico) assumiu o nome gentílico Paulo⁵⁰, para facilitar sua inserção nas outras culturas e pregar o Evangelho aos gentios.

A esposa de Abraão também teve seu nome mudado, de Sarai (“meu princesa” ou “princesa de mim”) para Sara (“princesa”), para ela se tornar mãe de muitas nações, e de reis entre os descendentes (Gn 17.15). Isso porque, como Sarai, ela não conseguia ter filhos; mas como Sara, ela conseguiria.

Balmory analisou a genealogia de Sarai⁵¹ e apresentou uma explicação muito interessante sobre esta situação. Primeiro, pelo sistema patriarcal, Sarai era posse de seu pai. Segundo, ela também o era pelo nome, “meu princesa” (em hebraico); porque o pronome do nome faz a ligação entre nomeador e a pessoa nomeada, entre pai e filha⁵². Terceiro, ela casou com seu meio-irmão Abrão, filho de seu pai com outra mulher. O casamento, ao invés de libertá-la, prendeu-a mais ao pai, pois “seu pai é também seu sogro;

⁴⁴ BALMARY, 1997, p. 174.

⁴⁵ BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 19.

⁴⁶ Porque nasceu agarrando, com uma de suas mãos, o calcanhar de seu gêmeo Esau. BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 31.

⁴⁷ BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 44.

⁴⁸ Mais tarde, o povo de Deus ficou conhecido por esse nome, Israel.

⁴⁹ YOUNGBLOOD; BRUCE; HARRISON, 2004, p. 1031.

⁵⁰ BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE, 2002, p. 213 (NT).

⁵¹ BALMARY, 1997, p. 120.

⁵² BALMARY, 1997, p. 123.

o mesmo homem é pai e sogro de seu marido. Quatro vezes ligada àquele que a chamou de sua”⁵³. Mesmo com o casamento, ela permaneceu uma posse de seu pai.

Sarai não conseguia gerar filhos porque a sua pessoa “não pertence a si mesma, mas a um outro”⁵⁴. A atribuição de seu nome possuía um laço que ela não conseguia romper sozinha. Balmory chama de *erro simbólico*: “um ato de palavra que torna impossível para o ser humano avançar na vida”⁵⁵. Sarai sentia que continuava a ser do pai, por chamá-la de “minha princesa”, e não podia ser mulher de outro, ser chamada de esposa e mãe. Por isso, não engravidava.

Quando ela passou a ser chamada de Sara, “princesa”, ela tornou-se princesa de si mesma. Ela viu-se liberta das amarras do pai, podendo se tornar esposa e mãe. Assim, a “esterilidade” desapareceu e Sara gerou a Isaque.

O começo da nomeação: um presente de Deus

O livro inicial da Bíblia, Gênesis, narra a formação dos céus e da terra por Deus, em que criou minerais, plantas e animais. Deus também criou האָדם (*ha’adam*, o ser humano) conforme *sua imagem e semelhança* (Gn 1.26-27), soprando nas narinas um נְשִׁמַת חַיִּים (*nishmat hayyîm*), um hálito de vida (Gn 2.7).

Segundo André Wénin, esse hálito de vida é a capacidade do ser humano de se comunicar através da linguagem, da fala, assemelhando-se a Deus e se diferenciando dos outros seres⁵⁶. No texto original, em hebraico, há uma discreta ligação entre duas palavras semelhantes: האָדם (*ha’adam*) recebe נְשִׁמַת (*nishmat*) de Deus para dar שְׂמוֹת (*shemôt*, nomes) aos animais. Ao ser presenteado com *nishmat*, *ha’adam* recebe também a tarefa de dar *shemôt* aos demais seres⁵⁷.

Deus cunhou expectativas sobre o ser humano, ao criá-lo conforme sua imagem e semelhança: dando o “poder” da palavra, da fala, Ele ofereceu a oportunidade dos seres humanos construírem consigo, de serem seus ajudantes na criação; dando a tarefa de

⁵³ BALMARY, 1997, p. 123.

⁵⁴ BALMARY, 1997, p. 125.

⁵⁵ BALMARY, 1997, p. 126.

⁵⁶ André Wénin (1953) é biblista e teólogo belga, doutor em Ciências Bíblicas. WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano*: leitura de Gênesis 1,1-12,4. Tradução de João Carlos Nogueira. São Paulo: Loyola, 2011. p. 56.

⁵⁷ WÉNIN, 2011, p. 56.

nomear, deu a responsabilidade de observar, reconhecer e respeitar as singularidades e características de cada ser. Assim, os seres humanos ficaram responsáveis de cuidar uns dos outros e de outros seres e coisas. Não dominar.

No final do primeiro capítulo de Gênesis, narra-se ainda que, depois de terminada a sua tarefa, Deus viu que *tudo o que fizera era muito bom*. “Ele se reconheceu no espelho que o refletiu, e se alegrou com a imagem de si recebida”⁵⁸. Deus viu que a criação fazia sentido, identificando-se nela, e aprovou o que fizera.

A nomeação como dominação

Quando a humanidade caiu no pecado, ela usou o “hálito de vida” para dominar. Segundo Wénin, quando Deus entorpeceu (fez adormecer) o ser humano único, indiferenciado, e o dividiu em dois, a intenção era igualar sua origem⁵⁹. Porém, ao verem um ao outro, o humano olhou sua cicatriz e interpretou que ela, אִשָּׁה (*Ishah*, humana, mulher), fora tirada dele, אִישׁ (*Ish*, humano, homem)⁶⁰. Ele se colocou no centro, dando à “mulher um nome que reflete o nome que ele reserva para si (*Ishah* e *Ish*)”⁶¹. Com essa denominação, ele fez dela um ser dependente dele, uma posse⁶².

Já Balmory defende que não houve relação de dominação. Ela interpreta que, quando o humano viu a humana, ele não disse que ela saiu de seu osso e sua carne. Mas ele “a reconhece semelhante a si”⁶³, identificando que ambos possuem a mesma carne e o mesmo osso. Dois seres diferentes e absolutamente iguais, formando a imagem de Deus.

O humano reconheceu que a humana foi retirada dele, colocada para fora e reconstruída; ela foi edificada fora dele⁶⁴. No livro de ficção “A Cabana” se encontra uma fala de Jesus com uma interpretação amorosa sobre a criação humana, relacionando-a a Trindade:

Vim como homem para completar a imagem maravilhosa de como fizemos vocês. Desde o primeiro dia escondemos a mulher no homem, de modo que na hora certa pudéssemos retirá-la de dentro dele. Não criamos o homem para viver sozinho. A

⁵⁸ ESPERANDIO, 2004, p. 148.

⁵⁹ WÉNIN, 2011. p. 70.

⁶⁰ WÉNIN, 2011. p. 74.

⁶¹ WÉNIN, 2011. p. 75.

⁶² WÉNIN, 2011. p. 76.

⁶³ BALMARY, 1997, p. 266.

⁶⁴ BALMARY, 1997, p. 268.

mulher foi projetada desde o início. Ao tirá-la de dentro dele, de certa forma ele a deu à luz. Criamos um círculo de relacionamento como o nosso [Trindade], mas para os humanos. Ela *saindo* dele e agora todos os homens, inclusive eu, nascidos dela, e tudo se originando ou nascendo de Deus.⁶⁵

Aí está a beleza da existência humana: a primeira mulher (*Ishah*) foi tirada de dentro do primeiro homem (*Ish*), e dela *foram tiradas* as demais pessoas.

Balmory ainda chama a atenção para as letras hebraicas: os nomes איש (*Ish*) e אִשָּׁה (*Ishah*) são retirados do nome de Deus, יְהוָה (Javé). A letra “ י ” de *Ish* e a letra “ ה ” de *Ishah* são as duas primeiras letras do nome divino que diferenciam os dois seres, em suas genitálias⁶⁶. Portanto, da imagem e semelhança de יְהוָה são criados איש e אִשָּׁה, um ser complementando o outro.

Mas, quando o casal desobedeceu a Deus e ambos receberam seu castigo (Gn 3), o humano nominou-a de חַוְוָה (Hawwah, vivente), “a mãe de todo vivente”, reconhecendo que é ela quem dá a vida⁶⁷. Wénin discorre que essa atitude do humano foi ambígua:

De uma parte, dando nome à mulher unilateralmente, sem ele próprio receber um nome, o humano coloca em obra o poder que Adonai Elohim (Deus) disse que ele exerceria sobre sua companheira. De outra parte, escolhendo um nome diretamente ligado à maternidade, o humano não designa a mulher por aquilo que é, em sua pessoa, mas pela função materna que ela assumirá.⁶⁸

Para Wénin, ao nominar Eva, o humano/homem caracterizou a mulher como mãe, denominou-a como reprodutora e a dominou (como sua posse), definitivamente rompendo a igualdade que fora desejada por Deus.

A retomada do presente

O primeiro Livro Sagrado, Gênesis, conta que o Criador deu à humanidade a tarefa de nomear. O último Livro Sagrado, Apocalipse, conta que ele tomará de volta essa tarefa, após o Juízo Final. Pois o capítulo 2, versículo 17 traz uma promessa: as pessoas que permanecerem fiéis a Jesus serão vencedoras. Elas estarão com ele no Banquete Messiânico e receberão uma pedrinha com um novo nome que somente elas saberão.

⁶⁵ YOUNG, William P. *A Cabana*. Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2008. p. 135.

⁶⁶ BALMARY, 1997, p. 267.

⁶⁷ WÉNIN, 2011, p. 103.

⁶⁸ WÉNIN, 2011, p. 103.

As pessoas que se conservarem fiéis ao Evangelho, a Jesus, estas serão salvas e, vitoriosas, poderão desfrutar com ele no Reino de Deus. Numa pedra branca, limpa, receberão um novo nome. Uma mudança de nome como uma mudança de projeto⁶⁹, direcionada por Deus⁷⁰: uma completa renovação.

Um novo nome para a nova vida, escrito e registrado pelo próprio Jesus, como cartão de convite, “como uma senha secreta de acesso ao Pai, uma garantia de identidade inviolável”⁷¹. Um novo nome: sem história, sem passado, sem pecado. Um nome ainda passivo, mas agora não imposto por outro ser humano e, sim, escolhido e presenteado por Cristo. Um nome que somente a pessoa e a Trindade saberão, sem apropriação e domínio de outro humano.

Em Gênesis, *ha'adam*, o ser humano, deu o nome inicial. Em Apocalipse, Jesus diz que dará o nome final. Ou seja, se no início foi criado segundo a *semelhança* de Deus, no final, ao receber o nome novo, o ser humano será revestido da *identidade mais original*. Um nome novo e livre para uma vida nova, livre e completa no Reino de Deus!

Considerações Finais

Nesse estudo se averiguou que, na linguagem da comunicação, a pessoa é identificada pela ligação de seu nome à sua imagem, sendo seu cartão de apresentação. Esse nome, tão íntimo, tão próprio da pessoa, não é escolhido por ela, mas recebido em seus primeiros dias de vida. Pois ninguém pode ser sujeito de si mesmo.

A história da nomeação é antiga. Na Bíblia encontra-se a narrativa da primeira nomeação, em que o humano dá nome à humana. No começo, as pessoas só tinham um nome que as identificava. No povo de Israel, o nome da pessoa sempre estava ligado a um fator importante, ligado à vida dela ou de sua nomeadora. Quando ocorria uma mudança muito importante na vida de alguém, seu nome era trocado. Com o passar dos séculos e a população aumentando, em diversos povos passou-se a usar dois ou mais nomes, mantendo-se o último que identifica a família. A lei brasileira estabelece que cada pessoa tenha, pelo menos, um prenome e um sobrenome.

⁶⁹ POHL, Adolf. *Apocalipse de João I: comentário esperança*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 2001. p. 120.

⁷⁰ Como a mudança de Sarai para Sara, em Gênesis 17. 14ss.

⁷¹ Comentário extraído da versão BÍBLIA DE ESTUDO CONSELHEIRA: Novo Testamento. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. p. 554.

Estudou-se que, para a psicanálise, a pessoa passa pela fase do espelho quando criança. Primeiro, no momento da passividade, ela reconhece seu corpo através de outra pessoa, geralmente transmitido pelo olhar da mãe. Depois, no momento da atividade e mobilidade, ela se apropria daquela imagem transmitida e assume o nome dado como seu. Então, ela fala em seu próprio nome, assumindo sua identidade e a si como sujeito.

À espera de uma criança, mães e pais projetam sonhos, idealizam-na e escolhem um nome que combine com essa criança imaginada, como num jogo de espelhos. Dentre milhares de nomes, alguns são cogitados inconscientemente. A partir desses nomes, conscientemente, definem um. Também se observou que a definição de muitos nomes ocorre em homenagem ou referência a uma pessoa (real ou fictícia). Tais nomes podem trazer implicações, boas ou ruins, a quem o recebe. Por isso, as pessoas responsáveis devem, em conjunto, fazer uma cuidadosa reflexão do nome escolhido, se todos gostam e, principalmente, se a criança gostará e se identificará com ele.

Afinal, o nome, além de ser o cartão de apresentação da cada pessoa, faz parte de seu ser para sempre, gravando sua existência na história humana. Pois, conforme a promessa divina, espera-se a vinda do Reino de Deus, e com ele, o novo nome, dado por Jesus, que nos revestirá com a identidade mais original, como imagem e semelhança de Deus.

Referências

BALMARY, Marie. *O sacrifício proibido: Freud e a Bíblia*. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Paulinas, 1997.

BELO, Ana. *Nomes próprios*. Lisboa: Arteplural, 1992.

BÍBLIA DE ESTUDO CONSELHEIRA: Novo Testamento. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA SAGRADA NA LINGUAGEM DE HOJE: edição para jovens. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

BRASIL: Constituição federal, código civil, código de processo civil. Organizado por Yussef Said Cahali. 5. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

BRENNER, Athalya. *A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica*. Tradução de Sylvia Márcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2001.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Tradução de Carlos Eduardo Reis. 2. ed. rev. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. *Introdução à leitura de Lacan: estrutura do sujeito*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. v. 2.

DOUGLAS, J. D.; SHEDD, Russel Philip. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. *Jogo dos Espelhos: “O olho que se olha no olho que o olha”*. In: NOÉ, Sidney Vilmar (Org.). *Espiritualidade e saúde: da cura d’almas ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 134-150.

OBATA, Regina. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

POHL, Adolf. *Apocalipse de João I: comentário esperança*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 2001.

STRECK, Edson Edilio. Apresentação. In: SCHACHT, Ezequiel. *A.M.D. Motivação*. São Leopoldo: Oikos, 2012.

VASSE, Denis. *O Umbigo e a Voz: Psicanálise de duas crianças*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1977.

WÉNIN, André. *De Adão a Abraão ou as errâncias do humano: leitura de Gênesis 1,1-12,4*. Tradução de João Carlos Nogueira. São Paulo: Loyola, 2011.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *Caminhos da graça: identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia*. Viçosa (MG): Ultimato, 2006.

YOUNG, William P. *A Cabana*. Tradução de Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

YOUNGBLOOD, Ronald; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. *Dicionário ilustrado da Bíblia*. Tradução de Lucília Marques Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004.